

Ameaça ao nosso

Preocupados com a falta de diálogo com o Brasil, os bancos

ONOMIA

Sábado, 29-8-87 — O ESTADO DE S. PAULO

crédito no Exterior

credores falam em cortar as linhas de crédito de curto prazo do País.

É cada dia maior o perigo de que sejam cortadas algumas das linhas de curto prazo que financiam o comércio e as relações interbancárias do Brasil no Exterior. Esta ameaça foi anunciada ao JT, ontem, por um dos grandes bancos credores do Brasil, numa reação ao telex que recebeu do governo brasileiro, com o pedido de prorrogação para dezembro do acordo das linhas de curto prazo, nesta semana.

O banqueiro falou com a condição de não ser identificado. Tinha lido o telex do Brasil pela manhã. Pesando cada palavra, ele disse: "Em geral, diria que os grandes bancos estão tentando manter os créditos. Agora, por quanto tempo mais, ninguém sabe".

Quem sairia? Os pequenos, que dão sinais de nervosismo?

"Acho que não se deveria diferenciar pequenos e grandes. Estamos todos muito nervosos. Não seria, exatamente, nervosismo... É mais uma grande preocupação. Nada está acontecendo que indique o reinício da renegociação da dívida do Brasil".

Num outro banco credor do Brasil, em Nova York, a impressão de que "ninguém mais sabe" perdurava, mas o banqueiro garantiu ao JT: "Embora não haja uma tendência geral, até agora, nesta sexta-feira à tarde, não temos notícias de deserções de bancos que formam as linhas de curto prazo. As renovações têm ocorrido com certa rotina".

São mais de 200 os bancos que se juntam para fornecer US\$ 15 bilhões que mantêm funcionando as 15 agências de bancos brasileiros no Exterior, os programas 3 e 4 de créditos comerciais e interbancários. Um dos bancos chegou a pôr o seu empréstimo no **overnight**, quando o Brasil proclamou a moratória, em fevereiro. Mas depois se reuniu aos outros, que estão com os prazos reduzidos para 30 dias, e o **spread** num patamar alto, 1,5% acima da Libor. Uma fonte envolvida nas operações entre bancos internacionais e brasileiros, em Nova York, contou ontem que "os juros das linhas de curto prazo têm sido pagos,

e são um bom negócio" — daí ele não entender por que estariam ameaçadas de interrupção. Uma outra fonte lembrou que uma interrupção pode se transformar no gatilho de uma guerra econômica, pois por determinação do Banco Central as agências brasileiras, em Nova York, sujeitas à legislação norte-americana, estariam obrigadas a manter o dinheiro no Brasil.

O maior credor do Brasil, o Citicorp, não quis comentar o telex enviado pelo governo brasileiro. Um de seus porta-vozes afirmou que não podia nem confirmar que realmente o tivessem recebido, e quando, e o que fariam. Já num banco médio, a impressão era de que "não existe mais um consenso", e que "cada um fará o que entender".

"Só o Banco Central de seu país poderá lhe dizer se há ou não deserções" — explicou um dos operadores de linha interbancária de um grande banco norte-americano, mostrando-se pessimista: "o que posso lhe dizer é que estamos vivendo um momento de incertezas".

O banqueiro que está prevendo dificuldades para o Brasil, e é um dos nossos maiores credores, confirma o operador: "Sem dúvida, muita incerteza", ele comenta. E acrescenta, "eu acho que, se o Brasil não começar a negociar, os bancos ficarão ainda muito mais intranquilos. Chegará o momento em que os bancos começarão a cortar suas linhas. E isto será algo muito normal".

Mas a tendência, por enquanto, é de acatar o pedido brasileiro, contido no telex enviado nesta semana?

"Não há, realmente, um acordo entre os bancos. Então, não pode existir nenhum banco que esteja afirmando que vai manter as linhas de crédito, ou não. Quem sabe? Esta é uma decisão individual de cada banco..."

— E a decisão de vocês?

"Nós estamos tentando manter. Por quanto tempo, não sei."

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**

O telex: rotina, segundo o Banco Central.

Uma fonte do Banco Central explicou ontem que o telex enviado quarta-feira pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao comitê de bancos credores em Nova York, foi uma solicitação rotineira de prorrogação, por mais 120 dias — até 30 de dezembro —, da vigência das linhas de crédito de curto prazo, comerciais e interbancárias, no total de US\$ 15 bilhões, abertas aos bancos brasileiros no Exterior.

A última prorrogação, de 90 dias, expira amanhã, informou a fonte declarando que não se espera dificuldade alguma para renová-la, pois os bancos têm grande interesse em manter essas linhas de crédito em operação, uma vez que rendem juros e um **spread** (ta-

xa de risco) de 1,5% acima da Libor, a taxa interbancária de Londres. É o maior **spread** pago hoje por qualquer devedor no mercado financeiro internacional.

Também ontem, o presidente José Sarney entregou ao consultor-geral da República, Saulo Ramos, para estudos, um dossiê elaborado pelos ministérios da área econômica com os detalhes técnicos que devem resultar no projeto de conversão da dívida externa brasileira em investimentos no País. Segundo Ramos, a principal preocupação do governo é evitar que a conversão da dívida se transforme em mais uma fonte de alimentação do processo inflacionário. O consultor-geral apresentará um relatório sobre o dossiê, a pedido de Sarney.